

**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS**  
**ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PORTO ALEGRE - RS**

**SESQUICENTENÁRIO DA BATALHA DE MONTE CASEROS**

Registramos, a 03 de fevereiro de 2002, os 150 anos da Batalha de Monte Caseros, ocorrida em 1852, próximo à localidade de Morón, 30 Km a sudoeste de Buenos Aires e também conhecida como Batalha de Morón, ou ainda, como Batalha da Quinta dos Santos Lugares. Foi travada entre as tropas do ditador argentino JUAN MANUEL ORTIZ DE ROSAS e as tropas Aliadas (Argentina, Brasil e Uruguai) do opositor argentino, Gen JUSTO JOSÉ URQUIZA e vencida por este.

Esta batalha foi a principal e também a final da campanha contra Rosas, que ameaçava incorporar à Argentina o Uruguai e o Rio Grande do Sul, reconstituindo assim o antigo Vice-Reinado do Rio da Prata.

O ditador contava com o apoio da Inglaterra, que tinha grandes interesses no Prata.

Rosas contava com 24 mil homens e os Aliados com 26 mil, sendo 20 mil argentinos, 4.200 brasileiros e 1.800 uruguaios. O efetivo brasileiro era 1/6 do total, mas foi o mais importante para a vitória, com a Divisão Brasileira, comandada pelo Brigadeiro MANUEL MARQUES DE SOUZA III e formada por duas Brigadas de Infantaria, o 2º Regimento de Cavalaria, comandado pelo Tenente-Coronel MANUEL LUIZ OSORIO, hoje Patrono da arma, e o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, o famoso “Boi de Botas”, com 200 homens. O comandante deste RACav era o hoje Patrono da Artilharia, EMÍLIO LUIZ MALLET, e pertencia à 4ª Divisão de Cavalaria, comandada pelo Brigadeiro gaúcho DAVI JOSÉ MARTINS CANABARRO, herói da Guerra dos Farrapos. Embora Canabarro e Mallet não estivessem presentes à Batalha, o Regimento fez jus aos seus nomes, comandado pelo Major Joaquim Gonçalves Fontes.

Distribuídos entre as tropas brasileiras de Infantaria estavam 100 atiradores de elite prussianos, usando os moderníssimos fuzis Dreyse de agulha (percussor).

Os Aliados formavam assim o chamado Grande Exército Libertador da América do Sul, para livrar a Argentina da opressão e megalomania do ditador Rosas, no poder desde 1829, e que havia tentado, sem sucesso, interferir na Guerra dos Farrapos.

A marcha para a concentração Aliada, antes da batalha, foi caracterizada pela difícil transposição do Rio Paraná, que durou cerca de 15 dias.

Rosas montou seu dispositivo com a tropa formando uma cunha com o Arroio Morón, a Artilharia protegida por parapetos, atiradores de escol nas sotéias (terraços) das casas da povoação e ainda duas Divisões de Cavalaria na Reserva. O ponto mais forte era o centro. A sua Artilharia era bem superior à nossa.

Urquiza colocou os Aliados em linha oblíqua, com os uruguaios à direita, a Divisão Brasileira (DB) no centro e os argentinos à esquerda, reforçados estes com o 2º RC de Osório.

Enquanto isso, o então Conde de Caxias, que era o Comandante do então 1º Distrito Militar, hoje 3ª RM, estava acampado na Colônia do Sacramento com 16 mil homens prontos a intervir, se fosse necessário.

A batalha começou às 0600 horas, com troca de tiros de armas leves. O 2º RC foi lançado pela esquerda para chamar a atenção do inimigo, enquanto a direita transpunha o Arroio Morón. Rosas resistiu a este primeiro golpe. Em seguida, os Aliados fizeram o centro e a direita girarem sobre o próprio flanco esquerdo e a DB atacou o centro de Rosas, enquanto a nossa direita atacava a esquerda inimiga. Nesta hora, houve um retardamento do avanço da infantaria uruguaia e o Brigadeiro Marques de Souza manda a 1ª Bda Inf reforçar, mas esta acaba ultrapassando os orientais e conquistando a posição inimiga. Enquanto isso a 2ª Bda Inf atacava pela frente e colocava os rosistas em fuga. O centro foi rompido às 1100 horas. O 1º RACav (o Boi de Botas) bateu a Art de Rosas e sob a sua proteção os prussianos e caçadores brasileiros expulsaram à baioneta os inimigos e tomaram as sotéias. Osório ainda fez uma carga com seu Regimento, venceu os rosistas e arrebatou uma bandeira de Rosas. E, depois de mais alguns entreveros, às 1300 h “não havia mais inimigo a combater”. Toda a Artilharia, munições, equipamentos, fardamentos, armamentos, carros, carretas, cavalos, etc. caíram em poder dos Aliados. Foram feitos 7 mil prisioneiros.

Na verdade, a resistência de Rosas não foi tão forte como se esperava, considerando-se a superioridade do armamento e a posição defensiva assumida. Os Aliados perderam 250 argentinos, 18 brasileiros (dois oficiais e mais 16 entre sargentos e soldados) e 19 uruguaaios.

Rosas fugiu para não ser encurralado. No caminho para o Porto de Buenos Aires renunciou em um papel escrito à lápis. Embarcou em um navio inglês e refugiou-se em Londres.

A Divisão Brasileira desfilou nas ruas da capital, ovacionada pelo povo portenho e logo depois embarcou nos navios da nossa Esquadra, retornando à Pátria com a missão cumprida.

Urquiza, em agradecimento, saudou o Brigadeiro Marques de Souza da seguinte forma:

*“Quando a história, traçando o horrível quadro da ditadura argentina, tributar o merecido elogio aos libertadores desta terra, o nome de Vossa Senhoria e de seus valentes companheiros de armas, ocupará o honroso lugar que lhes compete, como dignos aliados da civilização e da liberdade”.*

Em consequência desta vitória, foram definidos os limites Brasil-Uruguai, confirmou-se a independência do país oriental, foi reparada a espoliação de brasileiros residentes naquele país, antes dominado pelo ditador Manuel Oribe, aliado de Rosas, e restabelecido o direito brasileiro à livre navegação no Rio da Prata, fechada desde 1842. E o General Urquiza governou a Argentina até 1860.

---

Luiz Ernani Caminha Giorgis  
Cel Inf EM – Presidente da  
AHIMTB/RS

**Fontes:** Cláudio Moreira Bento: História da 3ª RM, vol I e Jornal Guararapes Nr 32 – Corina de Abreu Pessoa: Cartas de Montevideú, BIBLIEx, 1953 - Barão do Rio Branco: Efemérides Brasileiras - Hernani Donato: Dicionário das Batalhas Brasileiras, Ibrasa, 1996 - Genserico Vasconcelos: História Militar do Brasil, BIBLIEx, 1941.